

OS ESPAÇOS DE REFERÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS CRIANÇAS O DESEMPAREDAMENTO E A NATUREZA

Renata da Penha Coelho Mata ¹

Paola Simone Alves da Silveira ²

Welida Katiane dos Santos Souza Lima ³

RESUMO

O presente texto resulta de duas pesquisas de mestrado em educação, realizada no município de Rondonópolis-MT. Foram leituras referentes ao tema do emparedamento da infância e sobre os corpos das crianças na Educação Infantil. Trata sobre a importância de se (re) pensar os espaços de referência das unidades que acolhem a infância. Espaços estes onde as crianças passam boa parte de suas vidas e onde constroem e protagonizam seus próprios conhecimentos. Neste sentido, buscamos problematizar acerca das práticas significativas que os espaços ao ar livre propiciam às crianças, da Educação Infantil, do município de Rondonópolis, onde a natureza se encontra na vida cotidiana das crianças na Educação Infantil. Para realizar essa pesquisa, utilizamos a abordagem qualitativa, com característica bibliográfica, fundamentada em teóricos que dialogam sobre aproximação da criança com a natureza, como Lea Tiriba (2018), Gandhi (2016), Louv (2018). A pesquisa nos possibilitou um olhar sensível e reflexível aos espaços educativos em que nossas crianças estão inseridas cotidianamente, e sobre a cultura e concepções que os profissionais da educação infantil tem sobre o desemparedamento da infância, uma reflexão ao desemparedar dos corpos e a inclusão das crianças nos espaços ao ar livre, portanto, mais próximos do contato com a natureza.

Palavras-chave: DESEMPAREDAR, EDUCAÇÃO INFANTIL, NATUREZA, CRIANÇA.

INTRODUÇÃO

No contexto atual, onde o contato com a tecnologia está mais amplo e de fácil acesso, a escola encontra-se no desafio de propiciar às crianças condições de convivência com a natureza, visto que, os aparelhos eletrônicos têm despertado o interesse das crianças e adultos, e roubado parte do tempo que precisamos para reconectar nossas energias.

Nesta perspectiva, encontramos, em Tiriba (2018) apontamentos referentes ao desemparedamento das crianças, uma maneira alternativa de abordar os espaços

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal - UF, renata_penha_mata@hotmail.com;

² Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal - UF, paolasilveira.s72@hotmail.com;

³ Professor orientador: coordenadora pedagógica pela Secretaria municipal de Rondonópolis - SEMED, heitoramor@hotmail.com.

naturais e um contato mais próximo da natureza. Já Gandhi Piorski (2016), nos propõe observar as crianças, sua fértil imaginação ao brincar, e suas produções naturais, usando os recursos disponíveis no meio ambiente. Com Louv (2018), refletimos sobre o poder de transformação da natureza para a vida das crianças. E Marcos Ferreira Santos e Rogério de Almeida (2011), nos propõem a observar os corpos que se dialogam e se encontram numa mesma vivência. Willms (2020), ao abordar a educação de sensibilidade, aponta a sutileza da criança que não se sujeita a se prender no tempo e ousa criar linhas de fuga para bem viver livremente.

Dessa forma, e entre essas discussões, despertamos para um olhar mais aguçado sobre as necessidades das crianças de estarem em contato com a natureza. Ficamos mais sensíveis ao fazer pedagógico desse professor, que também merece estar nessa natureza, vivenciando de igual para igual a emoção de estar ao ar livre e de descobrir maneiras novas de ensinar e de aprender.

METODOLOGIA

As discussões acerca deste tema buscou problematizar as práticas significativas que os espaços ao ar livre propiciam às crianças, da Educação Infantil. Para realizar essa pesquisa, utilizamos a abordagem qualitativa, com característica bibliográfica, fundamentada em teóricos que dialogam sobre aproximação da criança com a natureza, aprofundando nos diálogos feito por Lea Tiriba (2018), Gandhi (2016), Louv (2018) que discutem sobre as questões ambientalista no âmbito da educação Infantil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A natureza inspira a criatividade da criança, demandando a percepção e o amplo uso dos sentidos. Dada a oportunidade, a criança leva a confusão do mundo para a natureza, lava tudo no riacho e vira do avesso para ver o que há do outro lado. (LOUV, 2016, p. 29)

Richard Louv (2016), com sua escrita poética e profunda, descreve o poder de transformação da natureza para a vida das crianças e frisa que ela só precisa de alguém, um olhar sensível, que lhe proponha essa oportunidade, para que possa aguçar a sua curiosidade, inspiração e concomitante a isso, a criatividade. Dessa forma, a criança vai precisar da natureza e de um guia que a transporte para espaços ricos de aprendizagem. Nesse terreno fértil, ela será capaz de virar o mundo do avesso, basta apenas que o adulto proporcione esse encontro da criança com a natureza.

Vale ressaltar que, para este autor, o conceito natureza vai além dos espaços verdes, com gramas e terra, ou seja, considera “natureza” todas as manifestações de vida, tais como o nascimento de um pássaro, de um animal, seu crescimento e até mesmo a morte; uma trilha de chão batido; uma cabana aninhada em urtigas; um terreno abandonado pantanoso e cheio de mistérios, tudo é natureza. Atreladas a essa ideia, nós, enquanto educadoras e mães, acreditamos que, em contato com a natureza todos os sentimentos se conectam; as emoções, os sofrimentos, dores, tristezas, medo, insegurança e é nesta corda bamba que as aprendizagens se equilibram para formar o sujeito.

E por falar em aprendizagens, ousamos pensar um espaço de educação infantil desemparedado que priorize às crianças experiências simples, acessíveis e também inusitadas como: andar sobre um chão batido, com poeira, areia, folhas secas, pedras, lamas; conhecer um terreno baldio cheio de obstáculos, uma casa abandonada, uma cabana; escalar uma árvore e descer dela, observar a água da chuva e a correnteza de um rio, ter o contato com plantas com flores e espinhos e observar o seu crescimento; observar o voo de um pássaro; coisas tão simples e que estão ficando distantes da realidade de nossas crianças, principalmente as da zona urbana. Desemparedar, na concepção de Léa Tiriba, é portanto, sair do espaço fechado das quatro paredes para as infinitas descobertas dos espaços e ambientes fora, na natureza.

Marcos Ferreira Santos e Rogério de Almeida (2011) propõem que a vivência de uma experiência, em que dois seres se encontram, para além do diálogo verbal, é um encontro de corpos que dialogam numa mesma vivência. Os autores descrevem quão ricos são esses os momentos de aprendizagem, tanto para o aprendente, quanto para o mediador. Neste experimento mais importante que saborear a experiência é se arriscar ao imprevisto da experimentação. Corroboramos com Willms (2020, p. 10) quando afirma “que o educador se torne um mestre iniciador de novos mestres até pelo exercício de se propor a aprender com as crianças a não controlar tanto todos os tempos e espaços das unidades escolares. ”

Nesta perspectiva, mais uma vez validamos o importante papel do educador para o aprendente que busca conhecer o mundo que o cerca. Para Louv (2016), a natureza pode ser mágica e trazer até mesmo cura emocional para a vida de uma criança, mas ela também pode assustar e, mesmo esse medo, tem um propósito: “Na natureza, a criança encontra liberdade, fantasia e privacidade – um lugar distante do mundo do adulto” (p. 29).

Nessa toada, Manoel de Barros (1998) e nos encanta com sua sabedoria

Aprendo com as abelhas
 Do que com aeroplanos.
 É um olhar para baixo que eu nasci tendo.
 É um olhar para o menor.
 Para o insignificante
 Que eu me criei tendo.
 (...)
 Ainda não entendi por que herdei esse olhar para baixo.
 Sempre imagino que venha de ancestralidades machucadas.
 Fui criado no mato e aprendi
 gostar das coisinhas do chão
 Antes das coisas celestiais.
 (...)escovar pedras,
 escovar palavras,
 ser fraseador,
 brincar com palavras descompadadas,
 ouvir nas conchas as origens do mundo,
 ver na cidade nenhuma coisa mais bonita que passarinho (...)

Foi na leitura compartilhada desse poema que lembramos que Gandhi Piorski (2016), em seu livro “A natureza e o chão”, traz uma significativa contribuição sobre a natureza, o imaginário e o brincar e ainda referenda a importância dos quatro elementos da natureza que habitam e coabitam a imaginação:

Os quatro elementos habitam a imaginação, são um código de expressão da vida imaginária. Imaginar pelo fogo é criar imagens e narrativas quentes, calóricas, agitadas, guerreiras, apaixonadas, acolhedoras (...). Imaginar pela água faz vicejar uma corporeidade fluida, entregue, emocional, saudosa e até melancólica, cheia de sentimentos, lacrimosa pela alegria ou pela saudade. Imaginar pelo ar é construir uma materialidade das levezas, da suspensão, dos voos (...). Imaginar pela terra é fazer coisinhas enraizadas no mundo, na vida social, no interior das formas, (...) numa busca pela estrutura da natureza (PIORSKI, 2016, p.19)

Em sua pesquisa, Piorski investiga a imaginação do brincar por meio de suas produções naturais, usando os recursos disponíveis no meio ambiente, e detecta, no brincar telúrico, a linguagem, a corporeidade, a materialidade e até mesmo a sonoridade, tudo junto e misturado nesse inconsciente natural que instala moradia na imaginação da criança.

Lea Tiriba (2018), na mesma sintonia que Gandhi (2016), propõe que nós adultos devemos oferecer para as crianças espaços “de exercícios da alegria”, espaços esses que proporcionem o contato com o sol, com a água, com a terra, com a chuva, com o vento, fora dos centros urbanos. A partir dessa premissa ela criou o termo “emparedar”, designando a ação de manter as crianças, em especial as das Instituições

de Educação Infantil, entre paredes, nas salas de referências, refeitórios, dormitórios entre outros, sem o contato direto com a natureza.

A autora, que também é professora, tem uma visão privilegiada da educação pois atuou em vários espaços, tanto na rede pública, particular, comunitária e na universidade, na cidade e até mesmo no campo, afirma que constatou, em suas pesquisas que, a vida no cotidiano das instituições não se constitui como tempo e lugar de alegria e de potência. Percebeu também que havia uma degradação das condições sociais do planeta, bem como a falta de atenção das instituições sobre as necessidades e os desejos das crianças, nos espaços de Educação Infantil.

Ao longo da vida, primeiro como estudante, depois como educadora, mas também como mãe e como mulher, sempre me incomodou o cenário principal das escolas: salas de aulas, geralmente inóspitas, alunos em carteiras enfileiradas, quadro, giz, um professor à frente. Na Educação Infantil, é diferente, mas ainda assim, não tão animador: muitas mesas, pouco espaço para o movimento, rodinhas que imobilizam as crianças, não em carteiras, mas no chão, filas para ir de um lado para o outro, pouco tempo em espaços ao ar livre... (TIRIBA, 2018, p. 20)

Essas experiências vividas por Lea Tiriba foram descritas em sua pesquisa de doutorado, há quase duas décadas. E é com imensa tristeza que dizemos que há uma semelhança entre o que ela relata e o que é hoje, em 2022. Pois Tiriba descreve muito do que ainda presenciamos na Educação Infantil, do município de Rondonópolis, Mato Grosso.

Para relatar um pouco sobre essas experiências vivenciadas, por nós, nos espaços de educação infantil, do município, precisamos situar o leitor sobre qual o nosso lugar de fala. Para tanto, Renata é professora e esteve coordenadora por cinco anos em uma escola do município de Rondonópolis que atende a Educação Infantil. Eu, Paola, sou professora, estive como diretora por dois anos e gerente do Departamento de Gestão da Educação infantil do Município, também por dois anos.

Isso posto, podemos afirmar que nosso olhar para a educação se expandiu e pudemos enxergar, desse lugar privilegiado, alguns progressos, algumas vitórias, alegrias. Mas, em contrapartida, vivenciamos também, junto dos professores da educação, (dis)sabores, tristezas, angústias, medos, inseguranças e peleja por uma educação de qualidade, que coloque a criança como protagonista de fato e de direito.

Como conhecemos bem de perto a realidade das unidades de educação infantil, podemos dizer que, quanto à estrutura dos espaços educativos, tivemos muitos avanços, e que há, sim, um investimento em formação continuada, o que dá suporte ao fazer pedagógico. É

importante ressaltar que, as unidades também investem em materiais pedagógicos de qualidade.

Quanto às experiências ao ar livre, elas acontecem. Mas, tudo em doses pequenas e em dias alternados, que são estipulados pelos “cronogramas de pátio”. Por que? Será que estes educadores não conhecem o bem que faz às crianças as experiências ao ar livre?

Pois bem, as experiências ao ar livre acontecem em conta gotas por outras situações que se misturam no cotidiano do fazer do professor, tais como: espaços pequenos que não comportam todas as crianças ao mesmo tempo; medo ou insegurança de que as crianças se machuquem (não misturam as faixas etárias).

Para além disso, Mato Grosso tem uma temperatura muito alta, que impossibilita aos professores tirarem as crianças do ar-condicionado, permanecendo então, mais tempo emparedadas. Ainda sobre os espaços oferecidos, temos poucos espaços com sombra, poucas árvores.

Já as saídas para áreas verdes, acontecem. Porém, são planejadas apenas em dias de comemoração, uma ou duas vezes por ano. E, para além de todas essas situações, ainda temos que cumprir todas as incumbências burocráticas que a nossa profissão exige.

E de quem é a responsabilidade, então? Nossas crianças serão privadas por mais quantos anos desse contato com a natureza? Já que as famílias estão ocupadas com o trabalho e preocupadas em trazer o pão para casa, o que nós educadores podemos fazer para minimizar esse “déficit de natureza” (LOUV, 2018, p. ??).

Pois bem, podemos começar saindo das quatro paredes e procurando espaços ao ar livre, negociar esses espaços, sair para dar uma volta ao redor do quarteira da escola, nalgumas quadras do próprio bairro, conhecer a rua da escola, os vizinhos, quem sabe uma praça. Para encantar-se com a natureza pode-se cultivar plantas e envolver as crianças nos cuidados para com esse ser vivo. Provocá-las para observar e/ou ouvir pássaros e outros animais. O educador pode conversar com a direção e com os pais e propor mais passeios ao ar livre, explorar o parque de areia, propor uma visita à casa de um colega da turma, da professora... são infinitas possibilidades que nós professores conhecemos, mas que ficam em segundo plano, porque dão muito trabalho, porque dá medo e insegurança. Mas, o que é mesmo que os documentos dizem sobre ser criança?

“[...] sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e

constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009, p.97).

Há possibilidade de que as crianças produzam cultura, fechadas, enclausuradas e emparedadas? Como fica a relação com a natureza? Quando fazemos estes questionamentos, nos incluimos, porque somos educadoras e vivemos as mesmas condições que os outros educadores, mas acreditamos que podemos tentar outras vias, o que não podemos é desanimar, desistir. Trata-se de tomar uma atitude que implica numa mudança de postura: “Portanto, só quem tem sensibilidade desperta e refinada pelo exercício constante da diferença, da pluralidade e da multiplicidade de linguagens é que conseguiria desenvolver essa paixão em sua atitude” (FERREIRA-SANTOS & ALMEIDA, 2011, p. 203). Mesmo porque, não nos tornamos professores por acaso, não é mesmo? E voltar o olhar para a centralidade da natureza na constituição da vida das crianças é uma parte importante da nossa formação de educadores da infância.

Lembrando que “Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde. Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática”. (FREIRE, 1991, p. 58). E é sobre este embalo de reflexões a respeito das nossas práticas que caminhamos em busca de (des) emparedamento onde as crianças se tornem protagonistas do ambiente em que estão inseridas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante ao exposto, independente da cena, se é bonita ou não, todos os episódios vivenciados pela criança, na natureza, irão contribuir para as manifestações da criatividade, proporcionando uma percepção mais ampla do mundo que a cerca. Pois, na natureza a criança vai encontrar segurança, privacidade, medos, coragem, vai rir, vai chorar, vai cair, vai levantar e o mais importante, vai ser criança, sem nenhuma preocupação com as marcas no corpo, com os arranhões, pois sabe que a cada tropeço, a cada queda, teve um obstáculo vencido, um aprendizado.

E para além de tudo isso, uma criança exposta à vivência na natureza terá um olhar mais amplo, uma escuta mais sensível, um despertar para o belo, para o simples. É disso que tratamos neste texto, de maneira muito breve, mas com o sentido de iniciar o debate sobre a necessidade de pensarmos práticas de educação infantil que conduzam as crianças ao desemparedamento, ou seja, às práticas de educação na natureza, sendo

esta também uma grande mestra. É fato que, não é possível ensinar às crianças apenas a “gostar” da Natureza, é necessário que os educadores promovam o encontro, experiências afetivas, para que elas sejam afetadas pelo ambiente natural, que estabeleçam vínculos para compreender, experimentar e principalmente vivenciar, pois as experiências das crianças com o mundo são fundamentais para estabelecer relações e fortalecer laços com aquilo que nos constitui, porque Somos Natureza.

REFERÊNCIAS

- BARROS, M. Retrato do artista quando coisa. São Paulo: Record, 1998.
- FERREIRA-SANTOS, Marcos; ALMEIDA, Rogério de. Antropolíticas da educação. (Orgs.) São Paulo: Képos, 2011.
- FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.
- LOUV, Richard. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza**. São Paulo: Aquariana, 2016.
- MACHADO, Marina Marcondes. A criança é performer. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 115-138, maio/ago. 2010.
- PIORSKI, Gandhi. As mãos e a criança: a alma e as mãos. Disponível em <https://www.gandhypiorski.com.br/post/as-m%C3%A3os-e-a-crian%C3%A7a-a-alma-e-as-m%C3%A3os> Acesso em 05/09/2022
- TIRIBA, Léa. **Desemparedamento da infância: A escola como lugar de encontro com a natureza**. Rio de Janeiro, julho de 2018. 2ª ed.
- _____. **Educação Infantil como direito e alegria: Em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias**. 1ªed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- WILLMS, Elni Elisa. Educação de sensibilidade: a maestria dos saberes tradicionais. **Revista Da Faculdade De Educação**, 33(1), 177–207. 2020. <https://doi.org/10.30681/21787476.2020.33.177207> Disponível em <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/4791>. Acesso em 21 ago. 2022.